

# DISCURSOS FRONTEIRIÇOS: AS SOCIABILIDADES EM ÁREAS RURAIS DE FRONTEIRAS

DOI: 10.5935/2177-6644.20160011

FRONTIERS SPEECHES: SOCIALTIES IN  
RURAL AREAS OF BORDERS

DISCURSOS FRONTERIZOS:  
SOCIABILIDAD EN ZONAS RURALES  
DE FRONTERAS

Leandro Baller\*

**Resumo:** O artigo trata da construção da sociabilidade em zonas fronteiriças rurais, em um contexto recente. Para isso faço uso de quatro entrevistas, sendo duas com agricultores brasileiros que vivem no Paraguai, uma de um sociólogo paraguaio especialista na questão rural no Paraguai, e uma com um pastor filho de mãe argentina e de pai brasileiro que trabalha entre agricultores no Paraguai onde muitos deles são brasileiros e residem nas faixas de fronteira entre Brasil e Paraguai. Com isso procuro perceber como se dão essas relações nos discursos que deles emanam e fazem com que suas apropriações sociais se mesclam com questões socioculturais entre os dois países.

**Palavras-chave:** Cultura. Brasiguaios. História Oral. Fronteiriços.

**Abstract:** The article deals with construction of the sociability in rural border areas in a recent context. For this, four interviews are used, two with Brazilian farmers living in Paraguay, one with a Paraguayan sociologist expert in rural issues in Paraguay, and one with a pastor, whose mother is Argentinean and the father is Brazilian, who worked and still works among farmers in Paraguay, where many of them are Brazilians and reside in border ranges between Brazil and Paraguay. This study aims to understand how these relations within their speeches are developed and how these relations blend their social appropriations with sociocultural issues between the two countries.

**Keywords:** Culture. Brasiguayos. Oral History. Borderers.

**Resumen:** El artículo trata de la construcción de la sociabilidad en áreas rurales fronterizas, en un contexto reciente. Para tanto, utilizo cuatro entrevistas, dos con agricultores brasileños que viven en Paraguay, uno con un experto sociólogo paraguayo en temas rurales en Paraguay, y un con un pastor hijo de madre argentina y padre brasileño que trabajó y trabaja entre los agricultores en Paraguay, donde muchos de ellos son brasileños y residen en la frontera entre Brasil y Paraguay. Trato de entender cómo se producen estas relaciones en los discursos derivados de los mismos y hacen con que sus aportes sociales se mezclan con temas socioculturales entre los dos países.

**Palabras clave:** Cultura. Brasiguayos. Historia Oral. Fronterizos.

---

\* Docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.  
E-mail: lballer@ufgd.edu.br

## Introdução

O artigo tem como objetivo mostrar como as novas características da agricultura no Paraguai, alteram as formas e a produção de sociabilidade na fronteira.<sup>1</sup> Neste local surgem o que chamamos de fronteiriços nacionais, fronteiriços binacionais, e, em alguns casos a formação de famílias binacionais transfronteiriças.

No decorrer das últimas décadas do século XX (mais precisamente a década de 1990) fica cada vez mais evidente que há dois grupos de agricultores diferenciados no Paraguai – os grandes e os pequenos proprietários. Neste país é um fenômeno novo, do ponto de vista do estabelecimento das relações sociais, pois o grande caracteriza-se como um modelo desagregador do pequeno proprietário com o *desarraigo* da terra, uma vez que este acaba cedendo espaço aos grandes e médios proprietários, que por sua vez trabalham de forma a incrementar o agronegócio, fazendo com que a área rural se torne praticamente uma empresa e não um meio de reprodução do modo de vida do agricultor. Neste contexto, ocasionando o *desarraigo* da terra, essa por sua vez passa a ser percebida como mercadoria, mercadoria cada vez mais cara, fazendo com que o entendimento do campesino paraguaio de relação com a terra se altere perdendo assim a sua função social que é de produção de alimentos.

Quanto às fontes, a utilização de entrevistas se mostrou como o sustentáculo das reflexões. Nesse sentido, seria necessário compreender toda a dinâmica propiciada pela História Oral, metodologia que lida com as entrevistas enquanto fonte histórica. A proposta não comporta uma discussão densa sobre a metodologia nesse momento, mas a crítica da fonte, o rigor analítico, a percepção sobre a memória, a seletividade, a subjetividade, a apreensão técnica em torno das entrevistas, entre outros aspectos que permeiam o conjunto que forma metodologicamente a episteme da História Oral são considerados como fatores essenciais para o arrolamento dos fatos.

Os discursos aqui compreendidos como entrevistas não são aleatórios, as pessoas são incorporados no interior de um projeto que prevê a utilização e a articulação dos objetivos em função das problemáticas levantadas. Assim sendo, a história dos sujeitos

---

<sup>1</sup> Outra versão deste texto está sendo construída para ser posta em discussão no VI Seminário Internacional da América Platina (VI SIAP) e I Primeiro Colóquio Unbral de Estudos Fronteiriços, que ocorrerá no ano de 2016 em Campo Grande – MS, promovido pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). As reflexões dispostas estão sendo desenvolvidas no interior do Projeto de Pesquisa intitulado; “Fronteiras: a produção da memória e a construção histórico-social entre Mato Grosso do Sul, Paraná e Paraguai”, cadastrado na PROPP/COPQ/UFGD.

fronteiriços pode ser compreendida por vieses diferentes, variados, múltiplos, heterogêneos, incluindo os sentidos por eles expostos como que fazendo parte de um mundo no qual a resignificação das práticas se dá de forma dinâmica, até porque a própria condição conceitual que procuro definir e entender desses atores históricos está contido nas fontes.

### **O discurso sobre o *desarraigo* da terra**

Para o sociólogo paraguaio Quintin Riquelme, esse fenômeno de percepção do *modus vivendi* é diferenciado nas relações que se estabelecem no meio rural, seja na esfera social, na econômica e na cultural. Nele se reproduzem formas de vida que são próprias da pequena propriedade. Em geral as propriedades pertencentes ou exploradas por brasileiros e a maneira como eles participam da vida rural no Paraguai, institui-se como um modelo a não ser seguido pelos camponeses paraguaios. Perspectiva que fica expressa na relação homem e comunidade, homem e trabalho, homem e natureza. Para o sociólogo paraguaio Quintin Riquelme:

Aca se dice que lo brasileño no ama el árbol, y sí, si recorre la zona del Este [fronteira com Brasil] vos solo que ve son plantaciones de soja ¿ya no ve casi monte, verdad? Entonces por ai es un poco diferente, el agricultor campesino es diferente, verdad? Nosotros somos una mezcla que todavía, como decimos el campesino paraguayo es todavía recolector de su comida, no tiene esa mentalidad capitalista no, la tierra serve más para desarrollar su cultura, su modo de ser, cuándo visita una comunidad campesina tradicional es muy interesante, las relaciones entre pariente sabe, la reciprocidad es muy intensa todavía. Cuándo uno no tiene leche van e le piden al vecino así es, pero cuándo las relaciones son ya de tipo capitalista esas relaciones de cooperación, de reciprocidad se acaban no? Entonces eso muchas veces es que (...), muchas organizaciones defienden verdad, que la tierra no es solamente mercancía, es un lugar donde se tienen que desarrollar la cultura, la identidad ¿Y el agricultor, su profesión es agricultor, verdad? Y si le saca ese pedazo de tierra y hay una pérdida (ENTREVISTA: QUINTIN RIQUELME, ASUNCIÓN, 2013).

Riquelme enfatiza que apenas os camponeses paraguaios mantêm o respeito e compromisso com a preservação dos mananciais de água. Assim ocorre com as matas, considerando que em um sistema de subsistência no qual se baseia parte da agricultura camponesa paraguaia, as matas são provedoras de lenha no cotidiano dos fogões. Os materiais para o consumo diário perpassam pela preservação do meio ambiente em que

estão inseridos os camponeses, em que a lenha, a caça, o mel, a pesca, os frutos, as pequenas áreas de plantios, os pequenos animais, são entre outros, produtos e víveres para a continuidade da existência camponesa e a propagação da cultura junto a terra de plantio.

Ao me referir ao *desarraigo* da terra e a preservação do meio ambiente, cito as palavras de Ricardo Adolfo Becker, pastor da Igreja Evangélica del Rio de la Plata e pastor Distrital da Igreja em todo o Paraguai. Desde 2003 Pastor Ricardo está radicado em Assunção, possui nacionalidade argentina, natural da Província de Misiones, viveu na região de fronteira, cerca de 20 quilômetros do Brasil. Filho de pai brasileiro, do Rio Grande do Sul, e mãe argentina, Ricardo trabalhou em várias cidades/comunidades no interior do Paraguai, e em meio ao que ele denomina de *brasiguaios* e *camponeses*. Enfatiza a questão do *desarraigo* da terra como um dos problemas ligados ao meio rural paraguaio atual.

Segundo o pastor, o *desarraigo* da terra ocorre, não apenas no meio rural, mas também nas cidades de pequenos municípios do interior do Paraguai, pois há o acúmulo de terras por parte de uns e a possibilidade de negócios para outros. Porém, o bom negócio – riqueza – com o passar dos tempos não se configurou em uma condição permanente, a maioria das pessoas que vendiam as pequenas propriedades se viam sem nada, uma vez que essa *é uma cultura do dinheiro*, se vendia e se comprava terras como se fosse qualquer outra mercadoria de menor expressão. Para ele, há a clara evidência do desapego às demandas que se originam do solo, da terra. Esse é um problema grave, pois:

[...] alguns vendiam a terra e isso também levou a esse processo deslocado da pequena propriedade às grandes propriedades, o que levou muitas, assim, vilas a praticamente desaparecer, e tinham os camponeses que tinham cada um entre 1 a 10 hectares de terra eles terminaram vendendo, foi feita uma acumulação de terra, porque? Por causa do preço da terra, em 1997 uma colônia [em torno de 25 hectares] de terra valia mais ou menos, 18 mil dólares, uma colônia 18, 20 mil dólares, dependendo a *ubicación* e quanto tinha mecanizado, e hoje nesse mesmo lugar, um hectare de terra vale 12 mil dólares, isso então existe, essa desproporção de preço é irreal, e que leva a pessoa que tem um, dois ou cinco hectares a vender a propriedade, por que puxa são 70 mil dólares [ao todo em média de uma pequena propriedade], então vende, mas os 70 mil dólares, para quem sempre trabalhou numa escala muito pequena não dura muito, não dura muito, um lote na vila em Nova Toledo [Departamento de Caaguazú] de 12 m. x 20 m. está em torno de 10 e 15 mil dólar, uma loucura, mais caro que Assunção, um preço

irreal, e isso leva de novo à um *desarraigo* cultural muito forte das pessoas, onde a cultura é do dinheiro basicamente [...] (ENTREVISTA: RICARDO ADOLFO BECKER, ASUNCIÓN, 2013).

Já o senhor Ilvo Spielmann, agricultor [considerado um sojeiro] e empresário que vive há mais de 40 anos em Katuete –, Departamento de Canindeyu, no Paraguai – realça essa questão dos valores da terra. Segundo o agricultor,

O lote urbano no centro aqui [Katuete] ele mede 15m x 40m, sobre a avenida que é o centro antigo, portanto, hoje ele chegaria de 150 a 200 mil dólares, por lote, isso para aquelas pessoas que queiram vender, mas se não quer vender tu sabe que o valor supera isso, mas mesmo assim, você não acharia alguém que te vendesse mesmo nesses valores (ENTREVISTA: ILVO SPIELMANN, KATUETE, 2014).

O valor das propriedades provoca tanto a riqueza quanto a pobreza, gerando consequente *desarraigo* da terra no meio rural. Pastor Ricardo dá ênfase a essa questão e observa que parte dos agricultores que estavam estabilizados, devido à mecanização e à facilidade do monocultivo, pelo uso de venenos defensivos e outros, deixaram de produzir alimentos, como as hortaliças, e passam simplesmente a comprar tudo nos supermercados.

Segundo o pastor:

Em fins da década de 90 alugavam a terra os que tinham duas ou três colônias pra aqueles que tinham quatro ou cinco, então, praticamente ali se produziu como um *desarraigo* da própria terra, porque o pessoal alugava a terra, então o que ele fazia se tinha a terra alugada? Não tinham o que fazer, e tinha a questão quando começou tudo isso que chegou a tal ponto que nem se fazia horta para verduras, se comprava tudo para casa [...]. Tinha um momento que tudo era comprado no mercado, que foi esse momento que eu chamo momento em que o pessoal saiu da fase dura da vida e conseguiu um *stand* melhor economicamente, *entonces*, tinham um pouco mais de dinheiro, então agora vamos comprar tudo, *nem* faziam mais hortas. (ENTREVISTA: RICARDO ADOLFO BECKER, ASUNCIÓN, 2013).

O relato enfatiza que o desenraizamento em relação ao cultivo da terra em locais fronteiriços, no Paraguai, influenciou a todos.

Percebe-se no discurso do Pastor Ricardo que, na medida em que as pessoas alcançam um determinado nível de vida e passam a contar com mais recursos

financeiros, elas acabam deixando de realizar algumas práticas, como ocorreu com a produção de hortaliças e outras demandas menores que se fazia em torno disso.

Já para o campesino paraguaio, o abandono da produção de alimentos na terra significa o desapego com o propósito inicial da terra e sua função social. Para eles a propriedade de terras não é um capital, é um fator que representa um modo de vida e cultura – ser agricultor. O *desarraigo* marca outra forma de relacionamento com a terra, movida pelo capital e mediado pelo cidadão estrangeiro. Nesse sentido, mesmo quem possuísse centenas de hectares de terras poderia estar numa situação de *desarraigo* da terra, pois sua relação passa a ser marcada pela mercadorização da própria terra ou de tudo aquilo que ela produz ou que com ela se relaciona e deriva.

Na percepção do Pastor Ricardo, o processo de apego ao capital, que se propagou de forma muito rápida na última década do século XX, não elegeu nacionalidade, ocorreu de maneira homogênea e, em alguns casos, a sua reprodução marca a discrepância no relacionamento que as pessoas estabelecem com as demais, com as coisas, com a propriedade, o que acaba gerando novas formas de relacionamento que beneficiam alguns e prejudicam outros. Após aquele momento mais difícil de trabalho na terra e pela terra, nas primeiras décadas após a chegada, muitos agricultores que antes adentraram as matas, posteriormente acabaram recusando práticas de trabalhos com maior intensificação de mão de obra braçal, quando perceberam a possibilidade de vender, alugar ou arrendar suas propriedades. Na visão do paraguaio, isso caracteriza o *desarraigo*, conforme destaca o Pastor Ricardo, e não era uma prática específica de um ou de outro povo, do brasileiro, do paraguaio, ou de qualquer outro estrangeiro, simplesmente ocorria com os pequenos e com os grandes produtores, todos praticavam, ou melhor todos vivificavam o mesmo contexto de desenraizamento da terra, percebe-se que há a perda das raízes sociais em relação a propriedade da terra enquanto genitora de alimentos e de todos os proventos necessários, da sua função social.

O pastor, ao tratar do tema, demonstra domínio de causa. Ele relata a situação de *desarraigo* pelos vários lugares que passou no Paraguai, dizendo que por onde trabalhou vivenciou situações muito parecidas no que tange a relação com a terra, bem como aponta experiência no trato de diferentes povos e o conhecimento de distintas formas de colonização rural no país. Conforme destaca o pastor:

Quando eu vim da Argentina, primeiro a gente tava no interior, na Colônia Independência que fica no Departamento Guairá, ali é praticamente uma colônia de alemães, que começou se formar pelos anos de 1917-1920, e depois dali me mudei depois de um ano, me mudei pro Departamento de Caaguazu, na localidade de Nova Toledo, naquela época Colônia, hoje já município independente, e ali a gente tava basicamente com brasiguaios, do ano de 1998 até 2002, em 2002 e 2003 eu tava morando e trabalhando na cidade de Santa Rita [Departamento de Alto Paraná], e de julho de 2003 até agora [dezembro de 2013], em Asunción (ENTREVISTA: RICARDO ADOLFO BECKER, ASUNCIÓN, 2013).

O pastor dá continuidade ao seu discurso, mapeando os locais por onde passou, redesenhando as diferentes etnias ali existentes e os caracteres étnicos heterogêneos que se apresentavam no decorrer do trajeto de seu trabalho, destacando que:

Era muito interessante essa questão quando a gente recém chegou no Paraguai nós morava em Colônia Independência [Departamento de Guairá] e já dali, dali nós viajavamos uma vez por mês para Caaguazu até Coronel Toledo. No começo eu sempre falava pra minha esposa, bom estamos saindo da Alemanha, vamos passar pelo Canadá, depois vamos passar um pouco no Paraguai, e depois vamos voltar para o Brasil de novo, era uma sociedade bastante diferenciada, tanto a Colônia Independência existia o casco urbano que era basicamente de gente alemã, o idioma ali era basicamente alemão, e os paraguaios como que moravam em volta digamos na periferia desse casco urbano, e depois a cidade de Perktal, Lucerro [Campo 09], e Três Palmas, nem se fala, era só Menonita, era tudo deles, e o povoado paraguaio que era o maior dessa região na época, era em Raúl Arsenio Oviedo [no núcleo urbano], ali era só paraguaios (ENTREVISTA: RICARDO ADOLFO BECKER, ASUNCIÓN, 2013).

É uma polifonia do espaço, o pastor dava ênfase àquelas comunidades em que usualmente havia um grande número de brasileiros. Com isso, ele se preocupa em justificar com a presença de brasileiros os costumes que ocorrem num determinado espaço. Para Ricardo esse sujeito social [brasileiro ou brasiguai] é marcante nos lugares por onde trabalhou. Segundo o pastor *“eles sempre se diferenciam, entre os demais”*. Um elemento de distinção é o idioma, fator que mais distingue as diferentes etnias. Para o Pastor Ricardo,

O idioma corrente era o português, também moravam paraguaios trabalhavam juntos, mas a gente notava um esforço grande de parte dos paraguaios em falar, por exemplo, português, mais do que os descendentes brasileiros ou brasileiros falar o espanhol, a tal ponto, que a

gente morava numa época no lado de um posto de gasolina, e quem trabalhava ali era um paraguaio e durante um ano e meio, mais ou menos, o homem sempre me falava em português, ele era paraguaio. Até que um dia eu pedi pra ele: por que tu me fala em português se tu é paraguaio? A resposta dele foi: ¿Ahm voz habla español? ¿No es brasileño? Então existe um pouco disso, há pouco [tempo] eu tava lá de novo, a gente nota que isso foi mudando, mas, até na década dos anos 90, era uma questão bastante diferenciada, ainda entre as duas culturas, dava impressão sempre que a cultura que traziam os brasiguaios, que vieram morar no Paraguai, nessa região, traziam consigo sua cultura, sua música, sua culinária, e como que seguiam vivendo o que eles viviam antes em Rio Grande [do Sul], no estado do Paraná e uns poucos de Santa Catarina, era bem diferente (ENTREVISTA: RICARDO ADOLFO BECKER, ASUNCIÓN, 2013).

Há a dinamização dos espaços de coexistência onde vivem diferentes povos como no interior do Paraguai, esse espaço é marcado pelas populações estrangeiras que vivificam práticas culturais e sociais que anteriormente já vivenciavam em seus locais de origem. É o que ocorre atualmente com descendentes dos grupos que já estão instalados no Paraguai desde o século XIX, como: os alemães, do início do século XX os menonitas, e por último os brasileiros após a segunda metade do século XX, com maior concentração nas três últimas décadas. Esses estrangeiros seguem os costumes dos seus pais, avós e assim por diante. Uma característica simples de perceber e que marca essa postura pode ser verificada nos nomes de algumas cidades, onde a maior parte é constituída por brasileiros, como Nova Toledo, que faz alusão à cidade de Toledo, no Paraná; Nova Brasília, referência à capital do Brasil; Santa Rita, Santa Rosa, cidades que fazem referência à origem dos primeiros moradores, tanto do estado do Paraná, quanto do Rio Grande do Sul.

Entendendo os diferentes povos e as formas de relação com os espaços e a população local paraguaia, é necessário destacar a relação passado-presente enquanto característica de rememoração em uma perspectiva de fronteira, onde há uma vivência antagônica. No caso dos brasileiros, há os fronteirizos que deixam o país de origem, por sentirem necessidade de migrar. Ao chegar no local de destino, esses fronteirizos incorporam antigas formas de vida do local de origem, dão antigos nomes aos novos lugares, praticam formas de relações sociais que faziam parte de seu local de vida anterior. Muitas vezes esses imigrantes brasileiros ou são incapazes ou resistem a novas produções de relacionamentos com as pessoas que são nativas em seu novo local de destino, neste caso com os paraguaios.

Isso dá início a um complexo processo de adaptabilidade, pois grande parte daquilo que se tentou deixar para trás é vivenciado cotidianamente no novo local. Quando existe proximidade territorial entre os diferentes países, como é o caso de Brasil e Paraguai, a questão ainda é mais perceptível, posto que os subsídios materiais acompanham as práticas sociais construídas dentro de outro país, prolongamentos de sua vivência no Brasil.

Há uma nova configuração de sociabilidade que se construiu em um contexto de fronteira, não apenas espacial, mas também social, cultural, econômica, do desenvolvimento, do atraso. Enfim, a figuração desse comportamento gera crises sociais, existenciais ou identitárias, porque não há a mimetização dos lugares como diferentes. As pessoas deixam uma realidade para trás em seu local de origem, em pouco tempo elas adentram um novo local e com o passar dos anos adotam cada vez mais as antigas práticas para fazer parte do novo mundo onde passaram a viver no presente, logicamente essas configurações não são unilaterais, pois ao mesmo tempo em que esses atores históricos voltam-se para um passado recente, eles incorporam novas práticas que são próprias da cultura desse novo local.

Noutro estudo publicado recentemente (BALLER, 2014), aponte para a direção de que o processo de adaptabilidade faz parte do *modus vivendi* do fronteiriço, tornando sua própria vida e seus valores socioculturais uma fronteira em si mesmo, o que provoca a amalgamação de sentimentos entre fatores materiais e simbólicos. Sendo assim, a fronteira deriva de aspectos que são orquestrados pelo homem, pelo Estado, é uma fronteira ensimesmada de sentidos, é a construção de um novo espaço de costumes que em grande medida passa a ser nacionalizado por esses costumes de fora, do *outsiders*. Com isso, a afirmação em relação à nacionalização se torna ainda mais contundente, pois supera o simples campo espacial que representa a faixa, justamente porque as diferentes etnias por si só tornam o país uma fronteira, como uma fronteira dentro da outra.

Na faixa de fronteira convivem distintos grupos socioculturais, alguns mais sólidos que podem buscar, inclusive, representação política local. No entanto, o que se verifica é a diferente dinâmica econômica e cultural dos povos. Os imigrantes desenvolvem cultura própria, interna, uma endocultura de outro país dentro do Paraguai, pois há uma prática ininterrupta de valores que esses povos trazem consigo dos lugares de referência, como tradições, hábitos, costumes, ideias, lembranças, conhecimentos,

entre outras, tanto do campo simbólico quanto do material. As manifestações saem do campo de assimilação do estrangeiro e de seus descendentes, seguidas e praticadas até mesmo pelos paraguaios, e vice-versa, ou seja, são incorporadas especificidades de diferentes partes do mundo em um mesmo micro local. Nesse espaço as dimensões sociais acabam se tornando comuns entre os diferentes grupos, como: paraguaios, argentinos, alemães, menonitas, brasileiros, entre outros.

No meio rural um exemplo são os empreendimentos cooperativos, modelos de agremiações característicos do meio rural europeu, muito praticadas no sul do Brasil e que acabaram cruzando a fronteira. O modelo cooperativo no contexto rural, não é apenas um aparato material, pois atua em diferentes esferas de cooperação, como transporte, tecnologia, indústrias, prestação de serviços, entre outros. O modelo de empreendimento cooperativo no meio rural existe no espaço fronteiriço paraguaio, revela que os brasileiros são a maioria entre os sócios que estão inseridos nessas organizações.

Para exemplificar essa constatação, a matéria do periódico *Última Hora*, de Assunção, na matéria intitulada “Nací en Brasil, pero quiero pasar el resto de mi vida en Paraguay”. A matéria traz palavras de um agricultor brasileiro da localidade de Puente Kyjhá, distrito de Francisco Caballero Alvarez no Departamento de Canindeyu. O agricultor está no Paraguai há praticamente quarenta anos e faz questão de afirmar que seus filhos são paraguaios, estudam em escolas locais, e falam o idioma guarani. O agricultor destaca também o desejo dos filhos em permanecer trabalhando na atividade rural no Paraguai.

O discurso do agricultor Paulo Luis Buttini, em narrativa crítica apresentada no periódico, não nega que houve excessivo desmatamento realizada pelos brasileiros nos primeiros anos na abertura das terras para plantio no Paraguai (década de 1970). Entretanto, sinaliza que essa culpa também é dos camponeses paraguaios que vendiam a madeira das matas para as serrarias. Portanto, o agricultor ressalta que atualmente há uma nova mentalidade sobre a necessidade de preservação e que os imigrantes e seus descendentes se preocupam com as matas, com os cursos de água, com a preservação das estradas. Nesse contexto, Paulo Buttini defende o desenvolvimento do Paraguai como uma investida de todos os cidadãos, independente das nacionalidades de origem. A fonte permite constatar que surgem aspectos positivos e negativos da coexistência, derivando das distintas experiências vividas por imigrantes e camponeses paraguaios. O agricultor, denominado de sojero, é um dos fundadores da Cooperalba, uma cooperativa de grãos

(silos) na região de Puente Kyjhá. Em 2003 quando o empreendimento nasceu ela contava com 64 sócios, apenas quatro deles eram paraguaios, os demais, brasileiros e descendentes. Segundo o presidente da Cooperativa, o paraguaio Emílio Peralta, destaca:

Esta cooperativa es, precisamente, un buen ejemplo de que la integración es posible [...]. Los paraguayos estamos aprendiendo a romper nuestras limitaciones, para incorporarnos a esta forma de agricultura más moderna, que nos ayude a progresar. En San Juan [assentamento de campesinos] les hemos ayudado a los campesinos a formar su propia cooperativa, llamada Minga San Juan (JORNAL ULTIMA HORA, ASUNCIÓN, 25/09/2003, P. 06).

O exemplo citado aparece como um meio de integração na agricultura marcado por congregar esforços em uma área que é local de residência de muitos brasileiros e descendentes na faixa de fronteira, e em especial na zona rural do Paraguai. Todavia, percebe-se que é uma integração ligada puramente a aspectos econômicos, muito embora apareçam elementos como a alteração de um modelo de vida, da relação com a terra, entre outros. O modelo cooperativo é intenso e se mostra forte na região, pois segundo alguns sócios, há o auxílio da Cooperalba na criação de uma cooperativa por campesinos no assentamento San Juan, próximo da Cooperalba.

Um dos sócios fundadores da Cooperalba, o senhor Mario Langer, um brasileiro proveniente do oeste do Paraná [Brasil], que está no Paraguai há mais de vinte anos e atualmente faz parte do grupo de conselheiros do empreendimento, diz que a integração e a convivência com os paraguaios é muito boa, e que com o passar dos anos, foi melhorando, ocorreu o que ele chama de simbiose entre os diferentes povos.

A Cooperalba é formada atualmente por um grupo de sócios e associados de médios agricultores que possuem em média 300 alqueires de terras cada um e que, em conjunto, cultivam aproximadamente quinze mil alqueires nessa região. No distrito de Francisco Caballero Álvarez. No Assentamento há cerca de 200 famílias de pequenos agricultores campesinos que cultivam em torno de 16 hectares por propriedade<sup>2</sup>. No tocante a isso, o senhor Mario Langer diz que.

---

<sup>2</sup> A quantidade de lotes no Assentamento San Juan é de em torno de 200 lotes atualmente, quando o assentamento iniciou, em 1995, eram 521 lotes, apenas com paraguaios(as) uma área total de 8.611 hectares de terra, uma média de 16,5 hectares por lote. A redução, segundo os assentados – campesinos – é devido ao fato de que os brasileiros compraram as áreas dos campesinos e transformaram em plantação de soja. Atualmente a situação do Assentamento San Juan é precária, não há assistência às famílias por parte do governo, a Reforma Agrária baseou-se em simplesmente assentá-los na terra, é uma situação de abandono, a grande maioria vive em barracos de lonas. Segundo o professor Roberto Báez – um dos assentados – no início (1995) a escola tinha mais

A partir do momento que nós criamos a Cooperativa, qual foi a primeira exigência que o Ministério da Agricultura nos fez? Vocês vão ficar responsáveis pelo assentamento San Juan, como vocês possuem capacidade tecnológica, vocês vão ser responsáveis pela tecnologia no assentamento San Juan, e nós assumimos isso, tanto é que nós temos até hoje um gerenciador dentro do assentamento que dá assistência técnica para os assentados, isso é um fomento, e fez com que a colônia San Juan sempre tivesse um prestígio pela Cooperalba, então sempre houve prestígio entre os assentados e a Cooperativa (ENTREVISTA: MARIO LANGER, FRANCISCO CABALLERO ÁLVAREZ, – PUENTE KIJHÁ, 2014).

Langer, em um contexto de mais de dez anos após a publicação da mencionada matéria no jornal *Última Hora*, apresenta uma posição semelhante a do então presidente da Cooperativa, o senhor Peralta. Ele reforça que a presença de brasileiros no grupo é predominante e que, com o passar dos anos, tem sido construída uma relação de afinidade entre a Cooperalba e o grupo de famílias do assentamento San Juan, especialmente com fomento de auxílio tecnológico.

Langer também fala sobre a dificuldade de migrar de um país para outro, posto que se altera muito do que se conhece em um local de origem, e o que é necessário aprender no local de destino, desde o idioma, até a forma de trabalhar. No conjunto das relações e do meio de agremiação que se construiu entre os agricultores em Puente Kijhá, sejam pequenos, médios ou grandes proprietários, o meio rural mostrou, segundo ele, a simbiose entre paraguaios e brasileiros. Uma característica bastante perceptível no campo de pesquisa para a compreensão da fronteira e do relacionamento dos fronteiriços no Brasil e no Paraguai, mas que nem sempre se apresenta de forma harmônica, conforme sugere o relato de Langer, uma perspectiva disso é a situação do assentamento San Juan. Há uma integração comercial e econômica, com a propriedade de terras e o que dela deriva, e não a integração sociocultural com as pessoas que vivem nesses espaços de fronteiras.

---

de 500 alunos e hoje são em torno de 150, ressalta que 80% dos lotes já são de brasileiros. No início do ano de 2009, o INDERT reivindicou a devolução dos lotes que – segundo o órgão – estão ilegalmente em mãos de brasileiros, lotes que faziam parte do assentamento, mas houve resistência por parte dos empresários agrícolas e a situação se mantém. Outra queixa dos campesinos do Assentamento San Juan é sobre a forma como promovem o desmatamento na região o que, segundo eles, resulta em males ao meio ambiente, sobretudo em relação às matas e aos rios. (Ver os documentários produzidos pela equipe Base-is, com testemunhos dos campesinos do Assentamento San Juan, realizado no ano de 2011. Pode ser acessado pelo link: <http://www.baseis.org.py/publicaciones/invasion-silenciosa-parte-1/>).

## Considerações finais

Quando trato de algumas práticas fronteiriças, não deixo de lançar mão das reflexões de José Lindomar Coelho Albuquerque (2010) e de seu conceito de fronteiras em movimento. Conforme o autor, as fronteiras são espaços de integração, de tensão e de poder entre as pessoas. Diante dessa constatação, os pesquisadores procuram sintetizar questões amplas nos estudos realizados, como é o caso das identidades situacionais, em que a integração é percebida com os preceitos de harmonia. O que se constatou no campo de análise e diante das formações identitárias situacionais no Paraguai é que a situação vivida pelos sujeitos da fronteira parece simplista quando é tratada em sua forma absoluta de interação social, o que não corresponde à complexidade dos processos de coexistência entre pessoas de diferentes países e em condição de fronteiriços nessa situação de fronteira entre Brasil e Paraguai, sobretudo em terras paraguaias.

Em determinados momentos a fronteira é compreendida apenas como uma forma fixa de limites conforme era designada no século XIX, opondo-se à mobilidade que as pessoas lhe proporcionam. Os limites físicos que a fronteira apresenta apontam para a necessidade de percepção das relações humanas na fronteira entre Brasil e Paraguai especialmente em relação às identidades nacionais que são construídas e reforçadas por meio de diferentes formas de autoclassificação e classificação pelos outros, decorrente das práticas sociais exercidas cotidianamente no local.

É um campo de disputas, fonte de recursos econômicos, sociais, culturais, políticos, simbólicos e também naturais, onde se dão inclusive os processos de integração formal e informal de grupos sociais em fronteiras que não estão acabadas, mas estão sempre se redesenhando, ou, como afirma Marc Augé: “a fronteira tem sempre uma dimensão temporal: é a forma do devir [...]” (AUGÉ, 2010, p. 25).

Enfim, constato que o fronteiriço, principalmente o que vive no meio rural, tem um modo de vida baseado em um cotidiano variado de práticas que vão além da preocupação da manutenção de um signo identitário, é uma condição sensível e negociada entre brasileiros e paraguaios, em que as pessoas estão expostas ou escondidas na fronteira, em uma situação de fronteiriço. O caso dos chamados brasiguaios nos auxilia a pensar melhor essa condição fronteiriça, apesar de termos verificado, em vários

estudos, as dificuldades de se conceituar com precisão o sujeito brasiguaiio,<sup>3</sup> essa questão por si só mostra os limites e as complexidades das pesquisas nessa área de conhecimento e de convivência.

## Referências

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. **A dinâmica das fronteiras**: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010.

AUGÉ, Marc. **Por uma Antropologia da Mobilidade**. Maceió: UNESP & UFAL, 2010.

BALLER, Leandro. **Fronteira e Fronteiriços**: a construção das relações socioculturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014). Curitiba-PR: CRV, 2014.

## Fontes

ENTREVISTA. **Ricardo Adolfo Becker**. Produção: Leandro Baller, Assunção, 18/12/2013, 1 hora e 27 minutos (Digital). Nasceu em Misiones na Argentina, é pastor da Igreja Luterana em Assunção.

ENTREVISTA. **Quintín Riquelme**. Produção: Leandro Baller, Assunção, 19/12/2013, 1 hora e 21 minutos (Digital). Nasceu em Valenzuela no Paraguai, é sociólogo, professor e coordenador da área de pesquisa em sociologia rural no Centro de Documentación y Estudios (CDE) em Assunção.

ENTREVISTA. **Ivo Spielmann**. Produção: Leandro Baller, Katuete, 29/01/2014 (manhã), 47 minutos (Digital). Nasceu em Mondai no Brasil, é produtor rural e empresário em Katuete no Paraguai.

ENTREVISTA. **Mario Langer**. Produção: Leandro Baller, Puente Kijhá, 29/01/2014 (tarde), 59 minutos (Digital). Nasceu em Juriá [Cândido Godói] no Brasil, é produtor rural em Francisco Caballero Álvarez no Paraguai.

GUTIÉRREZ, Andrés Colmán. Nací en Brasil, pero quiero pasar el resto de mi vida en Paraguay: enseñan a colonos paraguayos a plantar soja mecanizada. **Última Hora**, Assunção, 25 de setembro de 2003, p. 06.

Recebido em: 10 de abril de 2016.

Aprovado em: 20 de junho de 2016.

---

<sup>3</sup> No decorrer das análises sobre a identidade brasiguaiia analisei diferentes autores na tentativa de enquadrá-los em um termo semântico. Tais como: José Luis Alves 1990; Carlos Wagner 1990; Cácia Cortêz 1992; Márcia Anita Sprandel 1993; Valdemir José Sonda 2003; José Lindomar Coelho Albuquerque 2010; Leandro Baller 2008, entre outros. Todavia, essas considerações fazem parte de outros estudos. O meu intuito aqui foi trazer as práticas desses sujeitos em relação à fronteira, à cultura, à identidade e demonstrar sua especificidade conceitual, algo que vem se construindo na cooperação com esses outros estudos, mas o que se acentua é o permanente conflito entre uma memória herdada de um passado próximo e a dificuldade de compreensão identitária atual por eles próprios.